

JOÃO MELO
O PERIGO
AMARELO
E OUTROS
CONTOS



Rio de Janeiro, 2023



Sumário

W AMOSTRA

AMOSTRA

Nota do autor	VI
Prefácio	VIII
O perigo amarelo	13
O país está desgovernado	29
Uma pequena saga ministerial	49
Uma mulher séria	63
O torcicolo	81
O angolano que não gostava do verbo malhar	99
Uma combinação espúria	115

NOTA

DO AUTOR

AMOSTRA

VI

Os contos deste livro, com exceção do último, fazem parte de um título publicado em Portugal pela editora Caminho em 2020: *O dia em que Charles Bossangwa chegou à América*. Esse é também o nome do último conto do referido livro. Por se afastar dos restantes contos do mesmo, quer temática, quer formalmente, decidi, para efeitos das edições angolana e brasileira, suprimir o referido conto, substituindo-o por outro (“Uma combinação espúria”), e mudar a designação da atual coletânea para *O perigo amarelo*. Todas as estórias deste novo título foram revistas, pelo que, com a publicação do presente volume, deverão ser consideradas apenas as versões nele incluídas. O conto “Uma combinação espúria”, que encerra a presente seleção, é publicado pela primeira vez neste livro. A terminar, informe-se os leitores que este livro está redigido conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, respeitando-se, por outro lado, o léxico e a sintaxe angolana.

PREFÁCIO

AMOSTRA



Os contos de João Melo têm sido meu objeto de estudo, e também de meus alunos, nas últimas duas décadas. O interesse em torno dos autores africanos de língua portuguesa cresce cada vez mais no Brasil, e a obra de João Melo é uma das mais provocadoras e responsáveis por esse crescimento, despertando diversos trabalhos e estudos nos meios acadêmicos. As pesquisas não só voltam-se para a presença da ironia e do humor, mas envolvem a mestiçagem, o erotismo, as inovações na linguagem e os aspectos filosóficos de sua obra.

A cada novo livro de contos desse autor, recebemos uma grata surpresa. Já no primeiro, *Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir* (1999), o escritor mostrou-nos sua veia irônica, ao navegar, com plena desenvoltura, pelo universo do riso sutil e inteligente. Sua maestria nos recursos da paródia, da ironia e do humor se revelou, com força, desde o início, apresentando-nos um painel dos mais ácidos e críticos das relações estabelecidas entre os homens e as mulheres na sociedade luandense.

Filhos da pátria (2001) brindou-nos com mais um retrato extremamente arguto da sociedade angolana, descortinando-nos o ápice das frustrações e impasses ocorridos no país. Traçava-se aí um diagnóstico dos comportamentos sociais e,

simultaneamente, desenhava-se um mapa dos caminhos e descaminhos do pós-colonialismo em Angola.

Em *The serial killer e outros contos risíveis ou talvez não* (2004), a ironia joão-meloniana continuou a imperar de forma cada vez mais intensa e refinada, confirmando o domínio do autor nessa estratégia.

O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida (2006) se diferenciou das suas obras ficcionais anteriores, pelo olhar de profundo conhecimento e interesse em torno da literatura contemporânea. Nesse texto, o autor flerta com o pós-modernismo, desconstruindo algumas de suas estratégias e recursos, sempre na clave da ironia.

Em *O homem que não tira o palito da boca* (2009), Melo parece fazer um balanço de toda a sua produção ficcional até aquele momento, e o que constatamos, em primeiro lugar, é a maturidade e a sensibilidade de um escritor capaz de se espriar pelos mais diversos temas, estilos e estratégias.

Com *Os marginais* (2013), somos impactados por uma escrita desencantada. Se o marginal, por definição, é aquele que está alienado da sociedade, incapaz de integrar-se a ela, em função de um processo de exclusão que o alija do contexto social, os marginais de João Melo parecem ter optado conscientemente pela marginalização. Ou melhor, diante das circunstâncias de frustração dos sonhos, em diversos níveis, na vida de cada um, terminam por se excluir e evidenciam seu mal-estar em várias situações. Desde os aspetos políticos até as questões mais íntimas, os projetos se chocam com o *status quo*. *Os marginais* terminam, assim, por se mostrar, ironicamente, os mais lúcidos, uma vez que não se conformam com o achatamento dos seus projetos e sonhos.

O conto é um gênero privilegiado no continente africano. Se, normalmente, considera-se que o conto literário

nasceu na Europa, no século XIV, podemos dizer que é especialmente na África que ele se desenvolve como uma forma narrativa madura, pujante e largamente cultivada, evidenciando um diálogo fecundo com as formas tradicionais da oralidade. Verifica-se, assim, o hibridismo e a força do gênero, pois, ainda que autor africano imprima no conto contemporâneo diversas influências, dificilmente recusa a sua herança oral.

Enfim, não tenho dúvidas de que João Melo é um mestre do conto. Os seus contos impactam-nos, já nas primeiras linhas, com uma escrita irônica e cortante, mas não há espaço para hesitações; somos seduzidos e capturados desde o início. O trabalho sofisticado de João Melo faz valer, com todas as letras, a célebre frase de Tolstói: “Canta a tua aldeia e serás universal.”

Maria Teresa Salgado
Professora da Faculdade de Letras da Universidade
Federal do Rio de Janeiro

AMOSTRA

O PERIGO AMARELO

AMOSTRA



13

D. Filismina não conhecia ninguém na Casa Branca, no Palácio de Buckingham, no Eliseu ou na chancelaria alemã. Contudo, partilhava da mesma inquietação que, ultimamente, tirava o sono aos principais líderes mundiais: o perigo amarelo voltou. Antes que os vigilantes dos bons costumes me cancelem (ou, quem sabe, algo pior), apresso-me a explicar que uso esta expressão — “perigo amarelo” — não direi inadvertidamente, mas com o declarado propósito de a ridicularizar ou, no mínimo, tornar evidente a sua completa inutilidade face às novas dinâmicas globais, quaisquer que elas sejam. É para isso, entre outras coisas, que serve o humor, o qual, contudo, parece estar nos dias que correm em sério risco de vida, devido ao impositivo crescimento da interpretação literal e do pensamento único. A *boutade* segundo a qual “humor é coisa séria”, atribuída a tantos autores, parece estar a voltar-se contra ela própria. Por isso, talvez seja imperioso fazer uma sugestão aos leitores: sempre que se cruzarem com tal expressão, imaginem-na, se não amordaçada, pelo menos relativizada entre duas aspas, ou seja, “perigo amarelo”.

Para quem não a conhece, D. Filismina é uma angolana entre os 50 e os 60 anos, mãe de três filhos, dois matulões de 15 e 17 anos que se dedicavam à pequena criminalidade urbana, como o roubo de celulares, fios de ouro (verdadeiros ou falsos) e carteiras, e uma jovem de 19 anos que nunca mais casava, pelo que, por enquanto, a ajudava no precário negócio doméstico de venda de cerveja e gasosa com que a família sobrevivia, entre as maravilhas do capitalismo que subitamente tinham chegado ao país depois dos anos 1990, mas às quais nenhum deles tinha acesso, embora não perdessem a esperança de, um dia qualquer, o conseguirem, a bem ou a mal. Afinal, eles conheciam alguns bem-aventurados que antigamente moravam com eles ali mesmo no bairro e que, de um dia para o outro, deixaram de ser pobres como eles, transfigurando-se completamente, ninguém sabia como. Não apenas D. Filismina, mas todos aqueles que tinham continuado no mesmo bairro onde tinham vivido desde que se conheciam, ou seja, que não se tinham transfigurado, alimentavam secretas e torpes suspeitas acerca do processo de transformação radical sofrido pelos referidos bem-aventurados, mas nenhuma delas poderia ser usada em tribunal. Por isso, a literatura também deve omiti-las, para manter a estabilidade da nação.

Igualmente, o autor não perderá tempo a descrever em todos os detalhes a transfiguração de alguns — previsivelmente raros, como já terão intuído — dos antigos vizinhos de D. Filismina. Na verdade, só poderia fazê-lo recorrendo a lugares comuns, o que certos leitores detestam. De qualquer forma, e como, segundo se diz (quem sou eu para duvidar?), os leitores também participam no processo de escrita, sintam-se livres para caracterizar tal mudança de acordo com a vossa imaginação, os vossos próprios critérios ou a vossa eventual má vontade. Pela minha parte, acrescento

unicamente que D. Filismina não gostava desses bem-aventurados. Aliás, tal expressão é minha. Ela usava outros epítetos mais corrosivos, que não menciono por impossibilidade prática de esgotar a lista. Sem exagerar no estratagemas, eis, por isso, outra tarefa que lhes deixo: fazer uma lista completa de todos os impropérios usados por D. Filismina, não só em Kimbundu ou em português, suas duas línguas, mas em todas as outras que eventualmente sejam do domínio de cada um dos leitores. Isso acontecia sobretudo quando ela via alguns desses seus antigos vizinhos, ora transformados em outros seres completamente diferentes, na televisão. Quando olhava para aquelas figuras anafadas, cabelo com brilhantina, óculos modernos, sorriso esticado, como se tivessem uma mola de roupa puxando cada canto da boca sombria, avantajada circunferência abdominal, gravata e lençinho a condizer (eu disse que não usaria lugares-comuns, mas a verdade é que não resisto a esse mesquinho recurso), D. Filismina começava a desfiar o seu catálogo de insultos em Kimbundu e português com tal veemência que parecia prestes a desfalecer. De fato, tal só não sucedia para a narrativa não perder a credibilidade.

Para bem da saúde de D. Filismina, ela não via com frequência esses seus antigos vizinhos. Mesmo na televisão, os mesmos apareciam cada vez menos, certamente devido (pensava ela, que tinha estudado pouco, mas não era burra) a um temor obscuro qualquer. Uma premonição, talvez. Seja como for, D. Filismina preocupava-se cada vez menos com eles. Alguns dirão que isso se deve ao fato de os angolanos já se terem completamente acomodado aos históricos sofrimentos, espoliações e abusos de que foram e continuam a ser vítimas, antigamente por parte de alienígenas desembarcados um dia, sem qualquer notícia prévia, nas suas praias indefesas e, presentemente, por indígenas

nascidos dos ventres inocentes das suas próprias mães, as quais, diga-se de passagem, eram um dos alvos prediletos dos vitupérios lançados por D. Filismina, com razão ou sem ela. Daí a apatia generalizada de que nem ela escapava, apesar de ter aprendido desde cedo a enfrentar a vida sozinha e de jamais ter tolerado abusos. Que o dissessem, por exemplo, os pais dos seus três filhos, que ela despachou com um pontapé no cu (a expressão é dela) assim que tentaram arranjar uma segunda mulher. A verdade, porém, é que os seus antigos vizinhos praticamente já não lhe diziam nada. Estariam os angolanos a ser derrotados pelo cansaço? Sois livres de pensar como quiserdes, mas não sejam injustos com D. Filismina. Ela podia-se estar a cagar cada vez mais para os seus vizinhos que se tinham transformado nuns figurões de merda, mas, ao contrário de certos intelectuais (ex)revolucionários, não se tinha acomodado porra nenhuma.

(Pausa: sim, reconheço que na precedente oração estamos, sem qualquer sombra de dúvida, perante um caso de excesso de palavrões numa frase só, o que é profundamente lamentável, mas antes que os novos moralistas, que nos últimos anos estão a cercar-nos por todos os lados, como cazumbis seráficos e irrevogáveis, para não apodá-los liminarmente de fascistas, me acusem de qualquer crime extraordinário, como, por exemplo, “uso de linguagem desproporcional”, apresso-me a jurar que essas eram outras expressões que se libertavam com frequência da boca de D. Filismina, pelo que não posso, hipocritamente, escamoteá-las. Adiante, pois.)

De fato, D. Filismina não era de acomodar-se, em especial quando alguém ou alguma coisa tentava mexer com o seu espaço. Apenas para dar um exemplo, em 1975, ano da